

A cidade e as escolas: a memória material e o monumento através das escolas Corrêa de Mello e Ferreira Penteado de Campinas na década de 1880

Cities and schools: the material memory and the monument seen through Corrêa de Mello and Ferreira Penteado schools in Campinas (Brazil) in the 1800s

Munir Abboud Pompeo de Camargo*

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar a construção das escolas Corrêa de Mello e Ferreira Penteado na década de 1880, através do diálogo desses edifícios com a malha urbana de Campinas. Além de prédios escolares, esses colégios se tornaram monumentos para a memória daqueles que detinham o poder político e econômico na cidade. Ambos os edifícios eram dedicados à educação popular e inseriam-se em Campinas como estratégia para marcar os espaços entre os grupos menos abastados e os mandatários da cidade, levando sua memória para o futuro. Como fontes, são utilizadas fotografias das escolas, plantas arquitetônicas, o mapa da cidade, jornais e almanaques do período. A análise é realizada a partir das lentes da nova história cultural, compreendendo a arquitetura como produtora e produzida do/pelo urbano, sendo os edifícios escolares possuidores de sentidos próprios que se ligam à memória e à cidade.

Palavras-chave: Arquitetura Escolar; Século XIX; Campinas; Memória; Cidade.

Abstract

This article aims to analyze the construction of the schools Corrêa de Mello and Ferreira Penteado in the 1880s, through the dialogue between these buildings and the urban mesh of Campinas, Brazil. These institutions, apart from being schools, would become monuments for the memory of their creators: those who detained political and economic power in the city. Both buildings were dedicated to people's education and were inserted in Campinas' urban mesh as a strategy to determine the space pertaining to less well-off groups and the one attended by the city's leading group, preserving their memory for future generations. As sources, we used school photographs, blueprints, city maps, newspapers and almanacs of that time. These documents are analyzed from the perspective of new cultural history, comprehending architecture as both the producer and a product of (and by) the urban, and that school buildings possess particular meanings that are linked to memory and to the city.

Keywords: Photography; Matarazzo; Industrialization; São Paulo (State) - Industries.

* Bacharel e Licenciado pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Franca/SP. Mestre pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador do Programa de Estudo e Pesquisas em História da Educação (PROEPHE) do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp (CME - FE/Unicamp). E-mail: munirabboud@hotmail.com

I n t r o d u ç ã o

Durante a segunda metade do século XIX, em Campinas, a educação passou a ter notoriedade nos discursos do grupo mandatário da cidade, pois era vista como necessária para trazer progresso à nação, assim como para formar aqueles que seriam os futuros governantes e combater a ignorância do povo (ANANIAS, 1999, p. 87-88). Essa preocupação animava as mais diversas iniciativas de maneira independente aos três partidos do império (Republicano, Liberal e Conservador), já que elementos dessas agremiações muitas vezes se uniam na defesa da constituição de instituições escolares. Esse movimento ocorria visto que o grupo mandatário de Campinas, detentor do poder econômico e das instâncias políticas da cidade, apresentava uma configuração familiar. Nesse sentido, os laços de parentesco¹ entre seus membros eram notórios e indiferentes às filiações partidárias. Além disso, possuíam um ideal próprio de educação, que era vista como fator decisivo para o desenvolvimento da civilização e o alcance do progresso. Nessa perspectiva, os espaços especializados para a educação também eram defendidos.

Esse grupo foi responsável pela fundação de colégios direcionados para seus filhos, como o Colégio Internacional e o Colégio Culto à Ciência², e de escolas para o povo, como a Escola Corrêa de Mello e a Escola Ferreira Penteadado (POMPEO DE CAMARGO, 2019a, p. 36). Os quatro colégios possuíam arquitetura própria e especializada e foram construídos para cumprirem fins educativos, sendo os dois primeiros edificadas por Guilherme Krug e os dois segundos por Francisco de Paula Ramos de Azevedo. O contraste entre esses edifícios evidenciava planos de educação distintos para aqueles que eram considerados pelo grupo como *elite* e como *povo*, além de uma preocupação com aquilo que seria deixado para a posteridade pelo grupo. Um exemplo a ser citado são os edifícios que, construídos como monumentos, carregavam os nomes de membros do próprio grupo mandatário, questão evidenciada pelas escolas Corrêa de Mello e Ferreira Penteadado, objetos da presente análise.

¹ Os laços familiares são fatores que apresentam questões como união, crescimento e preservação de riquezas, assim como manutenção e ampliação de poder político, prestígio e influência social, pontos apresentadas por Carlos de Almeida Prado Bacellar em seu livro *Os Senhores da Terra* (1997) e por Maria Alice Rosa Ribeiro no capítulo *Famílias, propriedades e transformações na riqueza (1830-1930)* (2016), inserido no livro *Sesmarias, Engenhos e Fazendas: Arraial dos Souzas, Joaquim Egydio, Jaguaré (1792-1930)* (2016). Assim, o traçado dessas relações torna-se matéria importante para o alcance da compreensão dos grupos sociais trabalhados, e que se encontram envolvidos diretamente ao processo de edificação das instituições de ensino abordadas.

² Sobre os colégios Internacional e Culto à Ciência, ver Moraes (2006); Bencostta (1996) e Pompeo de Camargo (2019a)

Essa elite também se envolvia em diversas “iniciativas[,] como a construção da Igreja Matriz; a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e participarem de esferas de decisões políticas, como a Câmara Municipal” (POMPEO DE CAMARGO, 2019b). O jornal *Gazeta de Campinas*, assim como os almanaques da cidade, também faziam parte dessas ações³. Os periódicos circulavam entre os grupos mandatários e as instituições que eles frequentavam e controlavam, assim como entre a população letrada com a qual possuíam algum vínculo. Essas publicações serviam como formas de divulgação das ideias de membros do grupo mandatário e traziam notícias sobre as escolas da cidade, sendo fontes de informação para a presente pesquisa, pois nelas constavam o público destinado, a estrutura física das escolas, os endereços, as quantidades de alunos, os relatos sobre a fundação das instituições, os anúncios, as inaugurações, o corpo docente e o diretivo. Ademais, também estavam presentes dados sobre as concepções de educação dos envolvidos nas iniciativas, além de algumas edições apresentarem atas da Câmara Municipal de Campinas contendo discussões a respeito de espaços urbanos e educacionais.

O movimento analítico aqui apresentado é realizado de maneira a contribuir para preencher as lacunas da historiografia da arquitetura escolar do estado de São Paulo. Pompeo de Camargo (2019b), ao realizar o balanço da referente produção, apresenta possibilidades de pesquisa na área, sendo a arquitetura escolar do período imperial em São Paulo um recorte viável de trabalho. Dessa maneira, ao problematizar a formação dessa arquitetura junto ao diálogo de sua materialidade com a cidade, pretende-se trazer possibilidades de leitura para a história da cultura material escolar no estado de São Paulo pelas lentes da nova história cultural.

Destarte, analisando o contexto da sociedade campineira, esta pesquisa traça os planos de constituição das escolas Ferreira Penteado e Corrêa de Mello na década de 1880, discutindo suas

Destarte, analisando o contexto da sociedade campineira, esta pesquisa traça os planos de constituição das escolas Ferreira Penteado e Corrêa de Mello na década de 1880, discutindo suas formações como monumentos e suas inserções na malha urbana de Campinas. Dessa maneira, colocam-se questões a respeito da formação da memória para problematizar a sua materialidade e o seu diálogo com a cidade de Campinas no período mencionado.

³ A respeito dos almanaques de Campinas, do jornal *Gazeta de Campinas* e da imprensa na época ver Galzerani (1998).

formações como monumentos e suas inserções na malha urbana de Campinas. Dessa maneira, colocam-se questões a respeito da formação da memória para problematizar a sua materialidade e o seu diálogo com a cidade de Campinas no período mencionado.

As escolas Ferreira Penteadado e Corrêa de Mello: arquitetura e localização

A Escola Ferreira Penteadado foi construída com o financiamento de Joaquim Ferreira Penteadado, conhecido como Barão de Itatiba, assim o terreno, a construção e a manutenção da instituição foram financiadas por seus cofres do e seu objetivo com a iniciativa era construir um monumento para celebrar suas bodas de ouro. O jornal *Gazeta de Campinas*, em um de seus editoriais, descreve a inauguração em 15 de maio de 1881 e aponta a iniciativa como algo que contribuiria com o “progresso da civilização” (*Gazeta de Campinas*, 19 de maio de 1880).

Por sua vez, o projeto do edifício foi realizado por Francisco de Paula Ramos de Azevedo, arquiteto e engenheiro que havia retornado de seus estudos na Universidade de Gante, na Bélgica, em 1879. Em julho do mesmo ano, Ramos de Azevedo realizou na residência de Antonio Nogueira Ferraz uma exposição de seus trabalhos trazidos da Bélgica. Pouco tempo após a exposição, teve acesso aos projetos das escolas Corrêa de Mello e Ferreira Penteadado, além de ter sido contratado para finalizar a construção da igreja matriz de Campinas. Essas rápidas contratações de Ramos de Azevedo para a realização de trabalhos arquitetônicos em Campinas se deram devido à sua inserção no interior do grupo mandatário da cidade. Filho do Major João Martins de Azevedo⁴, o arquiteto gozou do status e dos contatos que sua família possuía na cidade. Além disso, ele era vinculado à maçonaria, instância de sociabilidade do período, tendo sido levado para a Loja Maçônica Independência “como aprendiz no dia 17 de outubro de 1873, antes mesmo de sua viagem para a Bélgica” (POMPEO DE CAMARGO, 2019a, p. 92).

Dessa maneira, quando discutida a inserção de Ramos de Azevedo na sociedade campineira, devem ser consideradas as relações sociais do arquiteto, tanto as familiares quanto as sociais, visto que a circulação de ideias dentro do grupo mandatário também se dava dessa forma. Quanto à maçonaria, ela deve ser vista como uma instância de sociabilidade que provavelmente teve sua parcela de contribuição para a sua carreira.

⁴ De acordo com Lobo (1951, p.1), o Major João Martins de Azevedo era um “homem bom” da cidade pertencente ao partido Liberal, sendo “vereador nos períodos de 1853 a 56, de 65 a 68 e de 69 a 72”.

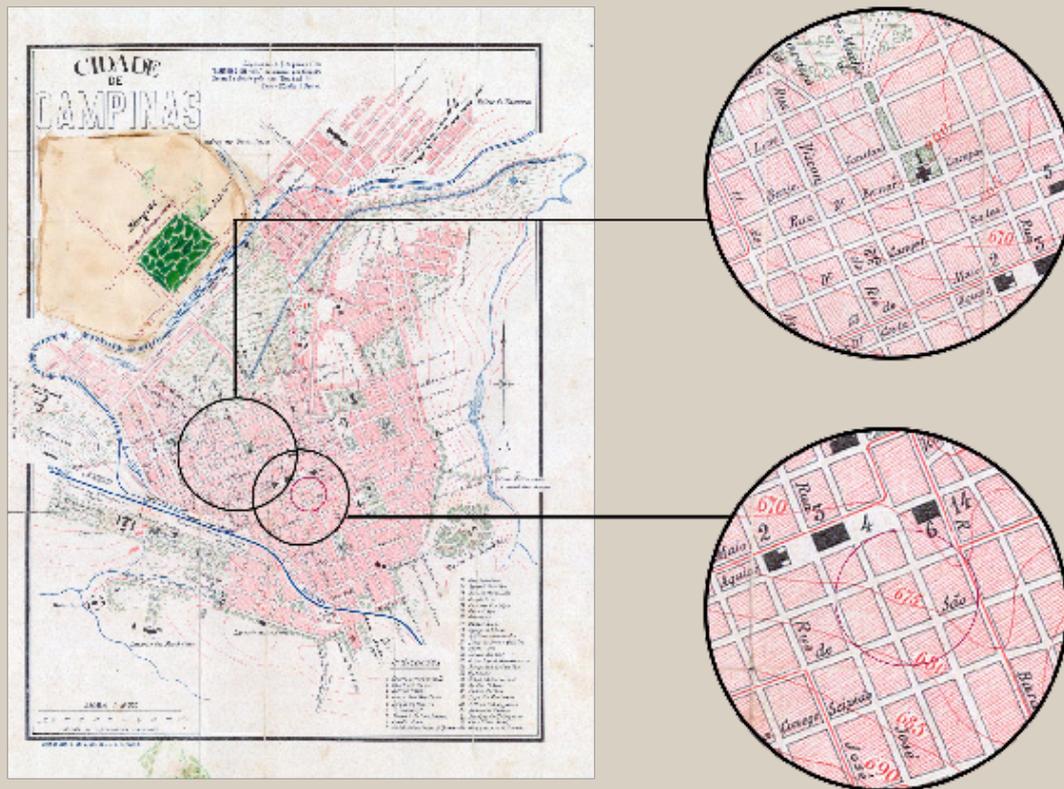
Ademais, a ideia da importância da educação para o progresso do povo era algo aceito por Ferreira Penteado e aqueles que o rodeavam. A escola tinha o objetivo de fornecer educação ao povo e, de acordo com o discurso de sua criação, tratava-se de uma iniciativa direcionada aos grupos menos abastados daquela sociedade (ANANIAS, 2000, p. 48).

O terreno da escola era localizado em frente à casa do Barão de Itatiba, área de sua propriedade. A relação do palacete assobradado, chamado de Palácio dos Azulejos – residência do Barão – com o edifício da Escola Ferreira Penteado constitui um diálogo que leva a processos de organização e espacialização da memória. Dessa maneira, a escola é pensada como uma obra de arte que poderia ser contemplada da residência de Ferreira Penteado. Assim, sua construção em frente à sua residência demonstra a constituição de um monumento que traria maior reconhecimento social aliado à garantia da lembrança póstuma, tendo em vista que durante as décadas finais do império, os investimentos escolares por parte de particulares eram notórios (ANANIAS, 1999, p.88). Em outras palavras, Joaquim Ferreira Penteado, ao construir a escola, também criou um monumento à sua memória aliado à ideia de progresso.

O edifício da Escola Ferreira Penteado era térreo e, apesar de ter o modelo de uma escola isolada (com apenas uma sala de aula), era especializado para a educação: tratava-se de uma arquitetura própria com formas construtivas que colocavam a preocupação com a higiene em lugar de destaque. Nesse modelo, são realçados o alteamento do piso em relação ao solo e as janelas dispostas para a circulação de ar e entrada de luz solar (MONTEIRO, 2009, pp. 38-39). Houve, ainda, a utilização de tijolos para a construção, o que demonstra a modernização na técnica arquitetônica, e um frontispício escondendo o telhado de duas águas que carregava a inscrição “Ao Povo, consagra J. Ferreira Penteado”.

Havia ainda a preocupação com o isolamento do edifício: um jardim frontal formava uma barreira entre a rua e a entrada da escola. Além disso, os primeiros cômodos eram um vestíbulo, um locutório e um vestiário, sendo que atrás deles havia a sala de aula. Dessa forma, os aposentos funcionavam como barreira entre o ambiente externo e a sala de aula e, assim, possibilitavam o controle de quem adentrasse o prédio. Essa configuração gera “uma direção cuja proximidade com a entrada ou vestíbulo de entrada a faria mais acessível a tais coletivos, mas, ao mesmo tempo, poderia chegar a confundir-se com a portaria ou os serviços administrativos” (BENCOSTTA, 2005, p. 23). Entretanto, tratava-se de um edifício para cinquenta alunos e, nesse modelo, os espaços ocupavam mais de uma função, não sendo um problema para a instituição. Já a sua localização era na região central de Campinas, como já mencionado, em frente ao Palácio dos Azulejos; residência do Barão de Itatiba. O local era marcado pelas ruas Francisco Glycério, Regente Feijó, São Carlos e Ferreira Penteado (Imagem 1).

Imagem 1 - Mapa da Cidade de Campinas em 1900 – destaque circular para as localizações das escolas Corrêa de Mello (superior) e Ferreira Penteadado (inferior).



Fonte: Condepacc

A imagem 1 apresenta o Mapa da Cidade de Campinas em 1900, impresso pelo Estabelecimento Gráfico V. Steidel & C. S. Paulo. A representação foi publicada no almanaque *Campinas em 1901*, organizado por Leopoldo do Amaral, e confeccionada em uma escala de 1 : 10 000, apresentando o relevo da cidade e as indicações de edificações, como o *Theatro S. Carlos* (2), a *Matriz Nova* (3), a *Praça José Bonifácio* (4), o *Theatro Rink* (6) e a *Câmara Municipal* (14), todos eles próximos à Escola Ferreira Penteadado, apresentada no destaque realizado no mapa.

A análise da localização da escola demonstra que ela estava inserida em uma região central da cidade, próxima a edifícios administrativos, religiosos e culturais. Essa não era uma zona de possível expansão da cidade, ou, como será apresentado no caso da Escola Corrêa de Mello, em um ambiente também de crescimento, mas em um local marcado por pobreza na cidade.

A Escola Corrêa de Mello foi criada a partir da iniciativa de fazendeiros ligados ao Clube da Lavoura e da Câmara Municipal de Campinas. Em momento inicial, as discussões marchavam para a construção de um monumento em homenagem ao botânico Joaquim Corrêa de Mello. A ideia era colocar uma estátua na praça da Igreja Matriz nova, entretanto, a Câmara Municipal mudou de ideia por não achar mais apropriada a colocação da homenagem na praça por

conta de questões estéticas (AMARAL, 1927 p. 254-255). Dessa maneira, surgiu a ideia da criação de uma escola primária direcionada para o povo.

O Largo do Jorumbeval, território municipal e uma região alagadiça e local de depósito de lixo, foi doado para a construção da escola e passou a ser chamado de Largo Corrêa de Mello. Apesar da aprovação do local e da doação da prefeitura, houve resistência. Antônio Quirino dos Santos, então suplente na Câmara dos Vereadores e irmão de Joaquim Quirino dos Santos, se negou a participar da comissão de demarcação do Largo do Jorumbeval para a construção da escola (*Gazeta de Campinas* de 1 de abril de 1879), afirmando que

[t]enho a ponderar a v. s. que, quando se tratou de fazer a cessão de parte d'aquelle largo para dito fim, eu me oppuz a tal medida fazendo ver entre outras razões que, o referido largo devia ficar reservado para um futuro mercado e mercadinho, visto que a cidade se estende diariamente para as respectivas circunvizinhanças por causa da influencia e importância que lhes dá o cruzamento das estradas de ferro (SANTOS, 1879, p. 2).

Posteriormente, em 1906, construiu-se o mercado municipal, em área defronte à escola, Entretanto, essa ideia já circulava em Campinas antes da construção da Escola Corrêa de Mello. Situado próximo ao Largo do Jorumbeval, o Colégio Florence enfrentava problemas por conta da região. Os pais das alunas do colégio chegaram a publicar notícias nos jornais da cidade exigindo providências da Câmara Municipal, por conta do “fluxo de emanações pestíferas” (RIBEIRO, p. 47, 1993). Ainda que, em 1876, construções de melhorias foram realizadas na região do brejo, como pavimentação e iluminação a gás, a situação do local não melhorou. Em 1880, período de construção da escola Corrêa de Mello, a região era descrita como como uma área de “moradores turbulentos” e a “imprensa pedia providências ao Delegado de Polícia porque nas imediações da Escola em construção ‘as mulheres descompostas e os sujeitos de má nota postavam-se lá a proferir nauseabundas obscuridades’” (SALLES, 1978, p. 35). A área, apesar de estar nos limites do perímetro urbana da cidade, era uma região periférica, marcada pela exclusão social, próxima aos trilhos dos trens.

A imagem 1 também apresenta em destaque a localização da Escola Corrêa de Mello na malha urbana de Campinas, representada no mapa pelo número um. A partir daí, tem-se a delimitação da área pelas Ruas Álvares Machado, José de Alencar, Benjamin Constant e, em frente ao edifício, havia a Rua Bernardino de Campos, posição que, para o período, era distante da região central da cidade: tratava-se da sangria do perímetro urbano de Campinas.

Por sua vez, a imagem 2, que veremos a seguir, apresenta a Escola Corrêa de Mello em 1900

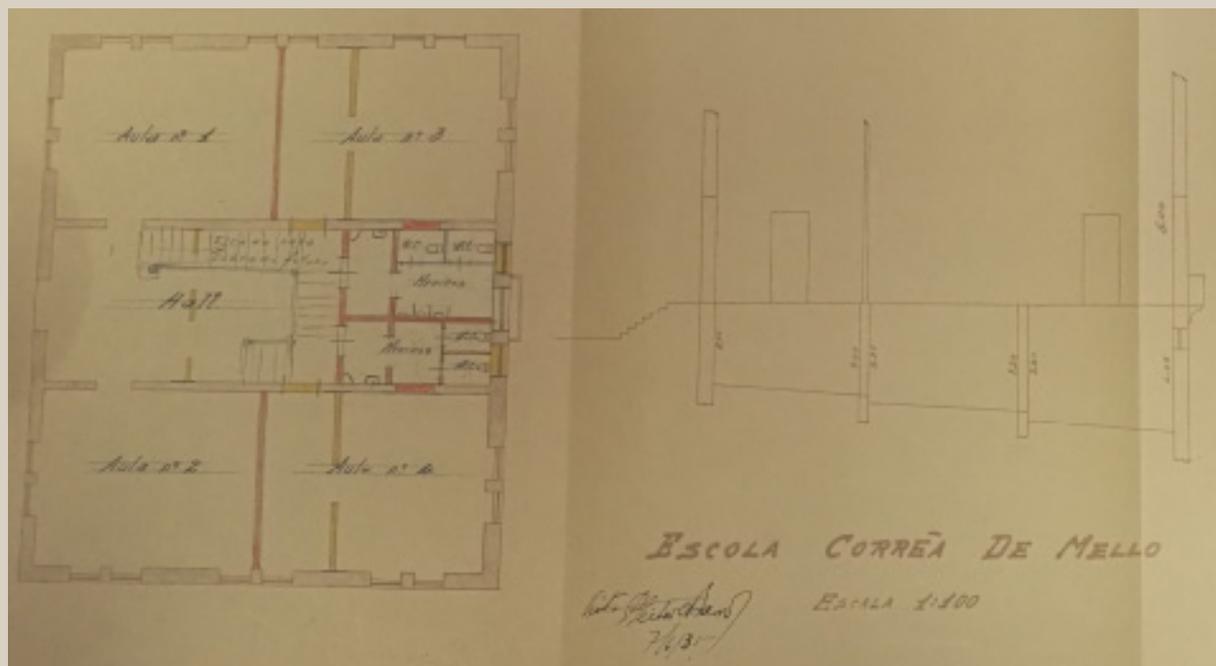
e, apesar de não terem sido encontradas informações sobre sua autoria, ela fornece elementos para pensar a arquitetura e a localização da escola. A fotografia nos apresenta o edifício elevado em relação à rua com um pequeno recuo e um muro que o isolava dela. Essa posição garantia monumentalidade, característica fundamental para um prédio que cumpria a função de resguardar a memória de Joaquim Corrêa de Mello, ainda que em uma região periférica e marcada pela pobreza da cidade.

A construção da escola foi realizada por Francisco de Paula Ramos de Azevedo, no entanto, não foi encontrada sua planta original, sendo a análise feita a partir da imagem 3, que veremos a seguir. Trata-se de uma planta contida em um requerimento de reforma de 1935 que foi assinado pelo Engenheiro Chefe da Prefeitura de Campinas. Embora sua assinatura não nos conceda seu nome, o documento permite analisar a estrutura da escola. O edifício era composto por quatro cômodos e um corredor central, com um porão que garantia o alteamento do piso em relação ao solo e janelas que cobriam em quantidades iguais os lados do edifício, garantindo-lhe proporcionalidade. A circulação de ar e a insolação, aliadas ao pé direito de cinco metros, também são observáveis e se davam em prol das condições de higiene internas. Havia, ainda, um telhado de quatro águas, encoberto pelo frontão com o nome da escola.

Imagem 2 - Escola Corrêa de Mello – 1900



Fonte: Arquivo de fotografias do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas

Imagem 3 - Recorte da Planta de 1935 da Escola Corrêa de Mello, apresentando o pavimento térreo e corte

Fonte: Arquivo Municipal de Campinas; Requerimento nº: 1027/17-05-1935.

As escolas Corrêa de Mello e Ferreira Penteados como futuro e memória

As arquiteturas da Escola Corrêa de Mello e da Escola Ferreira Penteados eram sinônimos de modernidade em um ambiente em que edifícios escolares especializados começavam a surgir. Ramos de Azevedo, nesse contexto, foi um artífice do futuro da arquitetura escolar que, conseqüentemente, contribuiu na formação de um ideal de sociedade por parte do grupo mandatário de Campinas.

Ao analisar as escolas em suas posições na malha urbana da cidade, essas questões tornam-se mais perceptíveis. Entretanto, é necessário compreender que

Paul Ricoeur destaca o urbanismo como sendo a escala em que melhor se percebe *o trabalho do tempo no espaço*. Para o historiador francês, narrar e construir são atos que operam um mesmo tipo de *inscrição*, 'uma na duração, outra na dureza do material'. daí sua afirmação de que todo edifício se inscreve no espaço urbano como uma narrativa em *um meio de intertextualidade*. Os sentidos do novo se chocam com a significação daquilo que já estava lá, fazendo com que a cidade confronte, no mesmo espaço, épocas diferentes que se apresentam ao mesmo tempo, a *ver* e a *ler*. Em termos discursivos, podemos considerar que narrar e construir não são atos em sentido pragmático, mas sim *gestos no nível simbólico* que materializam, em palavras ou tijolos, interpretações a respeito da realidade histórico-social (FEDATTO, 2013, p. 37-38)

Assim, a cidade é vista como uma gramática espacial, sendo a arquitetura seu ponto de início e o edifício urbano, como já apontado, “uma narrativa em *um meio de intertextualidade*” (FEDATTO, 2013, p. 37-38). Dessa forma, a arquitetura e a cidade traçam interações constantes entre elas, em que uma ressignifica e a outra, fazendo emergir, assim, novos sentidos, interpretações para a materialidade. Dessa forma,

no efeito de unidade de *uma* cidade se produz um lugar de onde (se) dizer a (sua) história. aí está marcada a sua função-autor. Isso que se apresenta como materialidade urbana é resultado de acomodações e resistências silenciosas que se escondem nos detalhes, debaixo de camadas de tinta, sob uma fachada de concreto, atrás de um novo nome ou no vazio da demolição... assim, o texto urbano vai construindo e refletindo uma rede de saberes que se tornaram cotidianos (nomes próprios, sistemas de ideias, filiações políticas). ao se situarem, esses saberes recortam sentidos para o espaço e formulam as construções como lugares de significação para diferentes posições-sujeito (posições em relação à instituição, ao lugar social: alunos, fiéis, funcionários, nobres, pobres, gentios, escravos, cidadãos, leitores, eleitores, contribuintes...). esse embate absorve determinados sentidos e também deixa brechas para a irrupção de imprevistos. como salienta m. pècheux, é importante que se abordem, de alguma forma, “as condições (mecanismos, processos...) nas quais um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência própria a uma memória (FEDATTO, 2013, p. 27).

Nessa perspectiva, mesmo com a colocação de planos e ideais de cidade, os edifícios na malha urbana cumprem uma função gramatical, entretanto incerta, na medida em que não se controlava o próprio futuro. No caso da Escola Corrêa de Mello, ao ser edificada no Largo do Jorumbeval, ela representava uma intervenção do grupo mandatário na área e uma imposição a partir daquele que a ela não pertencia. Foi demarcada, então, uma relação e poder que silenciou os significados surgidos dos locais em relação ao lugar.

A mudança do nome do Largo fez com que fosse estabelecida uma relação de posse entre a figura de Joaquim Corrêa de Mello e o local. O espaço não carregava apenas a lembrança do sujeito, mas também estabelecia a apropriação de uma região e impunha seu posicionamento no urbano, ratificado com a presença do elemento material de mesmo nome: a Escola Corrêa de Mello. Assim, tanto a mudança do nome do Largo quanto a construção da escola foram dadas por elementos que ocupavam a Câmara Municipal e que marcavam a lembrança de indivíduos exógenos, em especial o homenageado, além da lembrança constante das instituições de poder local.

Por sua vez, arquitetura escolar lá construída trouxe novas concepções arquitetônicas, marcadas pela higiene e pelo controle dos corpos, sendo resultado da expressão visual dos ideais e

dos valores do grupo mandatário (SCHORSKE, 1989, p. 44). Além disso, essa nova arquitetura também apresentava o saber institucionalizado que se espalhava e tentava se impor pelo urbano.

Dessa maneira, a Escola Corrêa de Mello emergiu na malha urbana escrevendo-a e sendo escrita nela, também expressando a ânsia de futuro de um grupo social e a vontade da eternização a partir dessa projeção no tempo, impostos em meio a um ambiente que se chocava com esses desejos. A *Carta aos Posteriores* publicada pelo Diário de Campinas de 07 de abril de 1879 e enterada em uma cápsula do tempo nos alicerces do edifício reforça essa ideia:

[s]e o tempo que tudo destrua e apagar um dia da superfície da provincia de S. Paulo a nossa florecente cidade de Campinas, é possível que vós, os filhos desse remoto futuro, venhaes procurar nas ruinas da cidade extinta os traços que caracterisaram a vida dos seus habitantes, o seu moral, o seu progresso.

Quizeramos traçar-vos aqui todas essas informações de modo á poupar-vos, a vós futuros archeologos, o muito estudo e trabalho que vos serão necessarios para reconstituirdes a história de Campinas, dos seculos passados.

Não o comporta, porém, o espaço de que dispomos nem o permite o tempo que devemos aos nossos labores quotidianos.

A vossa curiosidade, os vossos bibliothecarios, os vossos archeologos hão de vir procurar nas ruinas dos nossos edificios os fragmentos da nossa geração.

Não é, porém no esplendor da architectura, nem no colossal da fôrma que vós podereis saber do nosso adiantamento: é na idéia que presidiu á sua edificação.

Estas linhas que vos dirigimos, em fins do seculo XIX, enconral-as-heis sotterradas nos alicerces de uma casa. Esses alicerces, meus senhores, são de uma escola que nós contruimos para glorificar a memoria de um grande brasileiro e ensinar a ler os nossos filhos. (SALLES, 1978, p. 86.)

O texto marca a preocupação com o futuro e com a herança que seria deixada para as próximas gerações, sendo também uma tentativa de se projetar no futuro de acordo com os próprios ideais da época. Tratava-se, portanto, de um movimento de tentativa de criação de uma memória marcada pelos edifícios, pelas formas e, principalmente, pelas ideias relacionadas à educação no período. Assim, ao apresentar um hipotético futuro composto por ruínas a serem estudadas, tentou-se mantê-las como monumento representante do período; tomando como grandiosas as concepções de educação daquele tempo. Dessa maneira, o trecho aqui destacado reforça as características memorialísticas daquela arquitetura escolar enquanto cria um processo seletivo de informações, na medida em que estabelece o que seria importante ser lembrado do período.

Quando se analisa a escola Ferreira Penteadado, faz-se um movimento analítico um pouco dife-

rente, visto que a escola em questão não se localizava em uma zona de possível expansão da cidade, como era o caso da Escola Corrêa de Mello, que estava em um ambiente também de crescimento, mas em um local marcado por pobreza na cidade. Como já mencionado, a escola localizava-se no centro da cidade, região próxima a alguns dos edifícios das principais instituições de Campinas, em frente à residência de Joaquim Ferreira Penteado, em terreno de sua propriedade. O edifício da Escola Ferreira Penteado, assim como o da Escola Corrêa de Mello, é um monumento, “uma forma que silencia outras, condição para que o sentido se espacialize” (FEDATTO, 2013, p. 214). Sendo assim, ela cria uma relação entre seu tempo e o futuro, com o objetivo de se eternizar a partir da arquitetura e do ponto de sua formação da malha urbana, assim como dos sujeitos, das ideias, das concepções de mundo e dos planos do próprio futuro. Trata-se, então, de uma eternização no interior de um organismo (centro da cidade) que constantemente se modifica e se ressignifica.

Quando analisada a construção da memória material de Joaquim Ferreira Penteado, três elementos são notados na malha urbana de Campinas: a Escola Ferreira Penteado, sua residência e a rua de mesmo nome. São artefatos que se complementam tanto na constituição da memória quanto do urbano, assim, o imponente Palácio dos Azulejos, residência de Joaquim Ferreira Penteado, apresenta seu poder social e econômico. Por sua vez, a rua atravessa a cidade transformando a lembrança do oligarca em uma referência no plano da cidade. O colégio, em frente à residência, é uma construção mais modesta que visa transmitir a ideia de benevolência e caridade por parte de seu financiador. Ademais, há a inscrição “Ao Povo, consagra J. Ferreira Penteado” na construção, o que reforça esse sentido material ao apresentar um caráter religioso na ação. Ainda, o termo “consagra” cria a percepção de que o edifício foi feito por uma figura sagrada, sendo apresentado como fruto de um gesto sagrado.

Dessa forma, a residência, com sua arquitetura monumental e de clausura, que estabelece limites entre a vida privada e o espaço público, engrandece a imagem do Barão de Itatiba, sendo a escola materializada como um presente enviado por aquele que estaria acima dos apresentados. A relação é reforçada na medida em que a escola é fruto de uma comemoração privada (as bodas de ouro do Barão) e é materializada como um presente para o povo. No caso, esse presente seria a educação e o saber instituído e delimitado pelo grupo social do Barão para a formação de uma sociedade idealizada, que seria grata à sua figura pelo gesto realizado.

Além disso, Theodoro (1996, p. 203) aponta que Ramos de Azevedo, responsável por edificar as duas escolas em questão, ainda que sua formação tenha se dado na Europa, teve a capacidade de absorver os costumes brasileiros e “realocar as antigas necessidades do cidadão em edifícios privados e públicos, analisando o espaço para definir os novos pressupostos cognitivos”. Dessa

maneira, há uma relação entre “o princípio cognitivo que gerenciou parte da arquitetura colonial brasileira e aquele que sustentou a obra de Ramos de Azevedo”. Tais preceitos se tornam visíveis na medida que se pensa “a lógica construtiva que norteou a arquitetura colonial brasileira transformada em razão construtiva no trabalho de Ramos de Azevedo” (THEODORO, 1996, p. 205).

Ainda, o fato de a escola Ferreira Penteado estar situada, como já mencionado, em frente à residência do Barão de Itatiba e em terreno de sua propriedade, estabelecia o controle do sujeito sobre a instituição de ensino de maneira a hierarquizar as relações entre aqueles que teriam acesso a ela e seriam agraciados pelo Barão e aqueles que não seriam. Isso estabelecia certa proximidade apesar da escola representar uma divisão entre formalidade e informalidade. Tratava-se de uma instituição dedicada ao povo, mas somente aos indivíduos ligados ao proprietário. Essa relação era dada de maneira a marcar as divergências sociais, entretanto, de maneira dessemelhante ao que ocorria em na tradição brasileira acostumada a demarcar “a diferença dentro de um mesmo espaço (casa grande e senzala são parte de um todo)” (THEODORO, 1996, p. 204). A relação era dada a partir de uma roupagem de divisão do público e do privado e, no caso da escola Ferreira Penteado, essa divisão era dissolvida pelas bodas de ouro do Barão de Itatiba.

Já a escola Corrêa de Mello era inserida em um ambiente de exclusão. Tratava-se de uma arquitetura considerada moderna pela elite e destoante em relação ao seu perímetro. Esse elemento novo em meio a um local de exclusão social era o marco de um monumento que, apesar de ter sido construído em terreno do município partir de uma agremiação com fins públicos, materializava as diferenças sociais daquela sociedade, assim como as visões de mundo da elite, sendo mais um local controlado pelo grupo mandatário da cidade, que estabelecia os critérios e, conseqüentemente, frequentava aquele ambiente escolar (ANANIAS, 2000, p. 61). Isso demonstra a falta de divisão clara entre o público e o privado mesmo em relação a um edifício escolar.

As escolas, além de marcarem uma arquitetura especializada e direcionada para a educação, eram representações de um modelo de sociedade que o grupo mandatário queria formar, com ideal de progresso pautado na formação de instituições liberais como a escola. Em resumo, essa era uma construção voltada para os modelos de controle, sendo a disciplina dos corpos uma das características centrais dessa arquitetura. Tratava-se, portanto, de um modelo industrial disciplinar, tendo a higiene como fator disciplinador voluntário, com características que marcavam o surgimento de um modelo moderno de arquitetura⁵ que tinha sua visão na constituição de uma sociedade do futuro.

⁵ A palavra “moderno” utilizada aqui se trata da arquitetura a partir do século XIX. O termo é extraído a partir das análises de Olsen e Pétursdóttir (2014, p. 3) a respeito das mudanças nas cidades a partir do referente século.

Considerações finais

Como pudemos ver ao decorrer deste artigo, durante as décadas finais do período imperial, desenvolveu-se em Campinas uma arquitetura escolar especializada, criando espaços escolares voltados especificamente ao ensino. Esses modelos de edifícios se posicionavam na malha urbana de maneira a escrevê-la e transformá-la a partir de projetos educacionais e de concepções de futuro do grupo que às idealizou. Esse grupo era composto por elementos dos três partidos do império que carregavam laços de parentesco e mantinham aproximação pessoal entre eles. Essa característica também contribuiu para que suas ideias convergissem e para que iniciativas comuns fossem tomadas, como a construção de escolas em Campinas.

As escolas Corrêa de Mello e Ferreira Penteado foram iniciativas tomadas por esse grupo que controlava as instâncias políticas e econômicas de Campinas, sendo edifícios com características específicas de higiene e isolamento, destinados exclusivamente às concepções educacionais do grupo. Ademais, eles estabeleciam relações com o urbano e foram construídos para serem também monumentos.

A Escola Ferreira Penteado foi formada para representar a memória de Joaquim Ferreira Penteado e compunha uma arquitetura que dialogava com o seu entorno de maneira a ressaltar o poder e a benevolência de seu financiador. Seria a visão de alguém acima do povo que os presenteava com a instituição escolar e que se apresentava como sujeito que levou instrução à população de maneira a contribuir para o seu progresso, ao mesmo tempo em que o Palácio dos Azulejos, sua residência, refletia seu poder. Mais tarde, uma das ruas do entorno de seu casarão passou a se chamar Rua Ferreira Penteado, fortalecendo ainda mais a memória instituída pelo próprio Barão, refletida também como uma ânsia pelo futuro, pois trazia a ideia de eternizar-se através da cidade.

Ademais, embora a Escola Ferreira Penteado tenha sido um edifício financiado apenas por um indivíduo, ele estava vinculado a um grupo que reproduzia as ideias de educação como base para uma nova sociedade, em que era pungente a necessidade da construção de edifícios escolares para esse fim. Esses prédios também ligavam a imagem de seus financiadores aos ideais pelos quais eram construídos, sendo notória a preocupação com a criação de uma memória para o futuro. Formavam-se, assim, monumentos que marcavam a malha urbana de Campinas com a figura desse grupo.

A Escola Corrêa de Mello também foi uma instituição estabelecida como construção monumental na cidade de Campinas. Sua região era tida como insalubre, ocupada pela população excluída da cidade e foi construída enquanto elemento material de imposição na área da memória daqueles que dominavam as instâncias políticas e econômicas na cidade, representando o estabelecimento da educação e das instituições liberais como monumentos. Além disso, a escola também era símbolo de progresso e tinha o objetivo de levar as ideias educacionais do grupo mandatário da cidade ao povo. Sua função também é ligada ao processo de eternizar o nome de Joaquim Corrêa de Mello, sendo ele um membro do grupo que estabelecia aquilo que era instituído ou não na sociedade do período. Dessa maneira, o movimento realizado pelo grupo mandatário da cidade tinha a educação como ponto de formação de um futuro que carregava as memórias de seus idealizadores, sendo essas as instituições que criariam um modelo de sociedade pautada em seus preceitos.

Os edifícios mencionados se aproximam na medida que eram monumentos que, apesar de apresentarem uma roupagem europeia, eram marcos da “passagem rumo a um universalismo [que] foi constituído a partir de uma individualidade europeia desfrutada apenas pela elite” (THEODORO, 1996, p. 204). Dessa maneira, demarcavam simbólica e materialmente as divisões sociais estabelecidas naquele tempo.

Como aponta Pompeo de Camargo (2019a, p. 132) “ainda que há tempos a historiografia tenha percebido que as diferenças entre o popular e a elite não são nítidas ou estanques, viu-se que na Campinas do final do período imperial o esforço do grupo mandatário foi de delimitar em pedra e cal as di-

Destarte, esta pesquisa quis contribuir para a compreensão das relações da arquitetura escolar campineira da década de 1880 como forma de estabelecer memórias a partir da relação com a malha urbana ao mesmo tempo que impunha um ideal de futuro na sociedade, que partia de interesses pessoais de eternização daqueles que detinham poder. As memórias foram marcadas pelas figuras que constituíram as instituições e que estabeleceram formas de divisões sociais a partir da visão de instituições de uso público e de ambientes privados e que, ainda assim, se fundiam de acordo com os interesses daqueles que as controlavam.

ferências sociais entre as pessoas”. Esse esforço teve Ramos de Azevedo como uma das figuras responsáveis, tendo em vista que ele, apesar das tentativas de estabelecer uma “cidade estratificada que garantisse ao cidadão circulação eficiente” (THEODORO, 1996, p. 204), não podia desprezar as características daquela sociedade e os desejos de seus clientes.

Destarte, esta pesquisa quis contribuir para a compreensão das relações da arquitetura escolar campineira da década de 1880 como forma de estabelecer memórias a partir da relação com a malha urbana ao mesmo tempo que impunha um ideal de futuro na sociedade, que partia de interesses pessoais de eternização daqueles que detinham poder. As memórias foram marcadas pelas figuras que constituíram as instituições e que estabeleceram formas de divisões sociais a partir da visão de instituições de uso público e de ambientes privados e que, ainda assim, se fundiam de acordo com os interesses daqueles que as controlavam.

Referências

ALMANAK DE CAMPINAS PARA 1871. Campinas: Typ. da Gazeta de Campinas, 1870

ALMANAK DE CAMPINAS PARA 1872. Campinas: Typ. da Gazeta de Campinas, 1871

ALMANAK DE CAMPINAS PARA 1873. Campinas: Typ. da Gazeta de Campinas, 1872 ALMANACH

POPULAR PARA 1878. Campinas: Typ. da Gazeta de Campinas, 1877

ALMANACH POPULAR DE CAMPINAS PARA 1879. Campinas: Typ. da Gazeta, 1878

ALMANACH POPULAR DE CAMPINAS PARA 1881. Campinas: Typ. da Gazeta, 1880

ALMANACH DO CORREIO DE CAMPINAS PARA 1886. Campinas: Typ. a vapor do Correio de Campinas, 1885

ALMANACH DE CAMPINAS : LITTERARIO E ESTATÍSTICO PARA 1892. São Paulo: Typ. Cordona, 1891

ALMANACH DE CAMPINAS PARA 1908. São Paulo: typ. Casa Mascote, 1907

ALMANACH DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO PARA 1883. São Paulo: Tipographia Americana. 1882

AMARAL, Leopoldo. *Campinas em 1901*. Campinas: Caza Livro Azul, 1900.

AMARAL, Leopoldo. *Campinas: recordações*. São Paulo: O Estado, 1927.

ANANIAS, Mauriceia. *As escolas para o povo em Campinas: 1860-1889: origens, ideário e contexto*. 2000. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251295/1/Ananias_Mauriceia_M.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2019.

ANANIAS, Mauriceia. *O ensino na segunda metade do século dezenove: a escola Corrêa de Mello de Campinas*. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, v. 3, n. 1, p. 85-96, maio 2011.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Os senhores da terra: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do oeste paulista, 1765-1855*. Campinas: UNICAMP/CMU, 1997.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *“Ide por todo mundo”: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892*. Campinas: UNICAMP/CMU, 1996.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino; VIÑAO FRAGO, Antônio. (org). *História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

FEDATTO, Carolina Padilha. *Um saber nas ruas: o discurso histórico sobre a cidade brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

FERREIRA, Carlos. *Escóla Ferreira Penteado*. *Gazeta de Campinas*, Campinas, 19 mai. 1880, p.1.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *O almanach, a locomotiva da cidade moderna: Campinas (SP) décadas de 1870 e 1880*. 1998. 348 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

LOBO, Pelágio Alvares. *Francisco de Paula Ramos de Azevedo: o campineiro nascido na rua da imperatriz – a família, meninice e a vocação*. *Correio Paulistano*, São Paulo, 09 dez. 1951.

MONTEIRO, Ana Maria Reis de Goes. *Ramos de Azevedo: presença e atuação profissional em Campinas*. Campinas: UNICAMP/CMU: Arte Escrita, 2009.

MORAES, Carmem Sylvia Vidgal. *O ideário republicano e a educação: uma contribuição à história das instituições*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

OLSEN, Bjornar; PÉTURSDÓTTIR, Póra. *Ruin Memories: materialities, aesthetics and the archaeology of the recent past*. Oxon: Routledge, 2014.

POMPEO DE CAMARGO, Munir Abboud. *O Contrato e a concepção: arquitetura escolar e grupo mandatário em Campinas 1870 – 1889*. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019a.

POMPEO DE CAMARGO, Munir Abboud. *Historiography of school architecture in the state of São Paulo: the nineteenth century amidst history and architecture*, *Paedagogica Historica*, London, v.55, p.70-87, 2019b. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00309230.2018.1546329>>. Acesso em: 01 junho 2019.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas : 1863-1889*. 1993. 340 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPO-SIP/251211>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Famílias, propriedades e transformações na riqueza (1830-1930). In: RIBEIRO, Suzana Barretto (Coord.). *Sesmarias, Engenhos e Fazendas; Arraial dos Souzas, Joaquim Egydio, Jaguaruá: (1792-1930)*. Campinas: Novo Mundo, 2016.

SALLES, Francisco Jose Monteiro. *Joaquim Corrêa de Mello: sua vida e sua obra*. Campinas: Academia Campinense de Letras, 1978.

SANTOS, Antonio Quirino dos. Largo do Jorumbeval, *Gazeta de Campinas*, Campinas, 1 abr. 1879, p.2.

SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siecle: política e cultura*. 2. reimpressão. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

THEODORO, Janice. *São Paulo de Ramos de Azevedo: da cidade colonial à cidade romântica*. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.4, n.1, p.201-208, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5341/6871>>. Acesso em: 20 maio 2019.

Recebido em: 8 de março de 2019
Aprovado em: 21 de maio de 2019